

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

EXPEDIENTE

Com este numero termina o 2.º anno da publicação d'este periodico. Os srs. assignantes a quem faltar algum numero e queiram completar collecção, queiram reclamar-os n'esta administração.

Bomba a vapor

Concluimos o segundo anno da publicação do nosso periodico, dando á estampa uma nova bomba a vapor para incendios que está sendo agora muito adoptada em fabricas e principalmente em barcos a vapor.

Os cylindros do vapor são alimentados pela caldeira da machina motora do barco ou da fabrica, como o dá a demonstrar bem claramente a nossa gravura.

Todo o machinismo é fabricado pelo mesmo systema e formato adoptado pela brigada de bombeiros de Londres.

O nosso desenho representa a bomba a vapor, collocada no interior do navio com os ramaes de sahida pela parte superior do convés, indicado pela palavra ingleza *deck*.

São tão indispensaveis estas machinas a bordo dos vapores, como o são no interior de qualquer fabrica; e no entretanto, nenhum dos nossos industria-

procura proteger os seus haveres contra os prejuizos que o incendio lhes possa causar.

Não bastam os exemplos dados por todos os proprietarios d'esses importantes estabelecimentos fabricos estrangeiros, não bastam as advertencias e conselhos que constantemente apresentamos; aguardam, talvez, que uma d'essas calamidades imprevistas os reduza á miseria ou diminua consideravelmente as suas riquezas, para então se precaverem contra o mal.

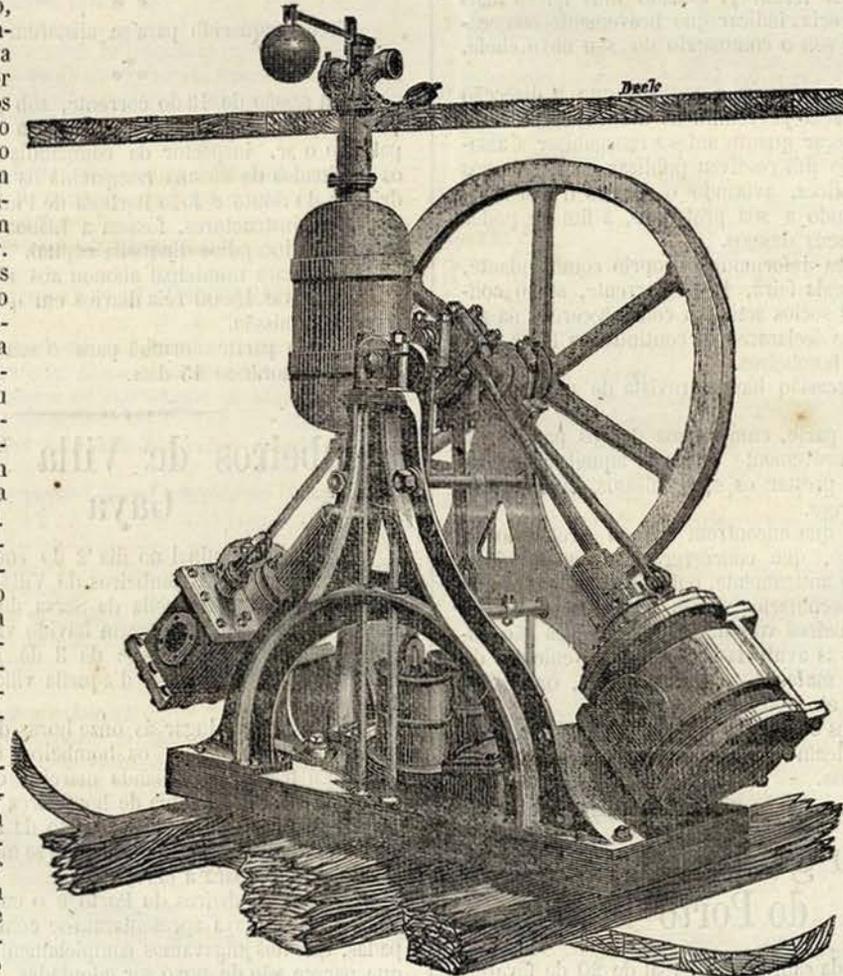
A necessidade de uma bomba fluctuante no nosso rio, seja ella a vapor ou simplesmente manual, nin-

guem por certo se atreverá a combater, porém a indifferença com que se encara tudo quanto é util e proveitoso, tem contribuido para que a ideia que já ha tempos apresentamos não tenha sido tomada em consideração.

Não sabemos a quem compete providenciar n'este caso; mas parece-nos que a camara do Porto de parceria com a de Gaya e auxiliada com donativos das companhias seguradoras, poderia com grande facilidade e a bem dos interesses do commercio em geral, ter já mandado construir uma bomba do padrão que melhor lhes parecesse, com o respectivo bar-

co para poder ser transportada com rapidez de um ponto para o outro.

No nosso periodico temos já apresentado varios modelos de bombas n'este sentido; não são esses os



unicos; porque não só a fabrica de Merryweather & Sons, Sland Mason & Co., Storm, de Londres; Jauck & Co., de Leipzig; Poole & Hunter, de Baltimore; Ettinger & Edmond, de Richmond, na Virginia; companhia Amoskeag, de Nova-York, etc., etc., possuem uma variedade infinita de machinas de todos os padrões e preços entre os quaes facilmente se poderá fazer escolha.

Se não remediarem o mal, queixem-se da sua imprevidencia e negligencia, porque nós, pela nossa parte, cumprimos o nosso dever indicando os meios a seguir para a protecção da propriedade, conforme o tem comprehendido as nações mais cultas do universo.

Bombeiros Voluntarios do Porto

No nosso ultimo numero chamamos a attenção da direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto» para a inacção em que tem estado, não obstante os preparativos para a nova companhia municipal terem já tomado uma feição mais regular, que parecia indicar que brevemente começaria a funcionar sob o commando do seu novo chefe, o sr. Falcão.

Hoje, porém, temos a noticiar que a direcção d'aquella corporação já reuniu no dia 13 do corrente e deliberou começar quanto antes a reorganizar a associação, para cujo fim resolveu publicar annuncios nos principaes periodicos, avisando o publico d'esta resolução e sollicitando a sua protecção, a fim de poder levar a cabo os seus desejos.

Segundo nos informou o proprio commandante, na proxima segunda feira, 17 do corrente, serão convidados todos os socios activos a comparecerem na associação, a fim de declararem se continuam a fazer parte do corpo de bombeiros.

Por essa occasião haverá revista de uniformes e de armamento.

Pela nossa parte, cumpre-nos dar os parabens á cidade, porque brevemente tornarão aquelles denodados mancebos a prestar os seus valiosos serviços, nas occasiões de perigo.

E' de erer que encontrem toda a protecção da parte do publico, que concorrerá de bom grado a subscrever como antigamente, pois ninguem ignora que os donativos pecuniarios são a principal fonte de receita dos bombeiros voluntarios e sem elles não poderão fazer face ás avultadas despesas provenientes da deterioração de material, aluguel de casa, ordenados aos empregados etc., etc.

Que nenhuns dissabores venham contrariar a prosperidade a que tem direito incontestavel, é o que do coração desejamos.

Inspeção geral dos incendios do Porto

Em sessão da camara municipal de 20 de fevereiro, completou-se o pessoal da secretaria, sendo nomeados ajudantes, os srs. Thiago José Gonçalves e Joaquim de Souza Loureiro e fiscal do material o sr. Almeida, sargento da 9.ª secção.

Desde o dia 3 a 10 do corrente foi inspecionado todo o pessoal da companhia pelo facultativo da camara.

Foram chamados tambem á inspecção medica as praças n.º 86, 116, 54, 46, 31 e 59 que ficaram fóra do serviço, desde os acontecimentos de Villa Nova de Gaya.

Por motivo de doença não compareceram á inspecção as praças effectivas n.ºs 2, 73, 151 e 67 e as praças supras n.ºs 59 e 30. Tambem não compareceu por impedimento a praça effectiva n.º 160.

Não se apresentaram á inspecção ou declararam não quererem continuar na companhia, sendo-lhes por isso dada a respectiva baixa, as seguintes praças effectivas: n.ºs 93, 27, 124, 52, 59, 72, 74, 137, 144, 37, 36 e a praça supra n.º 36.

Tem requerido para se alistarem 49 individuos.

Em sessão de 13 do corrente, sob proposta do sr. vereador Correia de Barros, resolveu a camara municipal que o sr. inspector da companhia de incendios e os graduados da mesma companhia os srs. Manoel Rodrigues do Souto e João Barbosa de Pinho e Costa, indigitados instructores, fossem a Lisboa instruir-se no serviço de incendios d'aquella capital.

A camara municipal abonou aos dous graduados as passagens e 15000 réis diarios em quanto estiverem n'essa commissão.

Devem partir amanhã para o seu destino, onde contam demorar-se 15 dias.

Bombeiros de Villa Nova de Gaya

Effectuou-se afinal no dia 2 do corrente a missa que a companhia de bombeiros de Villa Nova de Gaya mandou celebrar na capella da Serra do Pilar, em acção de graças por não terem havido victimas no terrivel incendio que naoute de 3 de janeiro ultimo sobresaltou os habitantes d'aquella villa e d'esta cidade.

A missa teve lugar ás onze horas da manhã, mas uma hora antes vieram os bombeiros de Villa Nova, levando á frente uma banda marcial, esperar junto á ponte pensil a companhia de bombeiros do Porto.

D'alli, partiram todos debaixo de forma, seguindo a margem do rio, ao local aonde se manifestou o incendio e d'ahi para a igreja.

Alguns bombeiros do Porto e o commandante de Villa Nova de Gaya apresentaram-se com as antigas espadas, que nós julgavamos completamente banidas, mas que parece vão de novo ser adoptadas.

A capella estava adornada com damascos, havendo ao fundo um corêto para a musica e bancos para os convidados e membros das duas corporações de bombeiros.

A guarda de honra era feita por soldados da guarnição da fortaleza, trajando grande uniforme.

A missa foi celebrada pelo reverendo capellão da fortaleza do Pilar e ao Evangelho subiu ao pulpito o reverendo A. Patricio, encomendado de Paranhos.

A esta festa assistiram entre outras pessoas os srs. presidente da camara de Gaya, Diogo Leite Pereira de Mello; vice-presidente, Augusto Cesar Pereira Soares; governador da Serra do Pilar; official commandante da mesma fortaleza; Carneiro Pinto, escrivão da administração de Gaya; Arthur Ferreira de Macedo, medico da companhia dos incendios de Gaya; conselheiro Cardoso, José Velloso da Cruz, Augusto Ernesto Carneiro, Joaquim Lopes da Silva, Guilherme Gomes Fernandes, José Rodrigues da Cruz, A. M. Fleming, Luiz da Terra Pereira Vianna, José Ribeiro de Freitas, Luiz Cardoso Pereira, Arminio von Doellinger, Eduardo de Magalhães, Caetano de Mello Menezes e Castro, F. Mendes d'Araujo, redactor da «Aurora de Gaya», Manoel Ferreira de Lemos e muitos outros cavalheiros e senhoras cujos nomes ignoramos.

Por occasião d'esta festa o sr. Joaquim Lopes da Silva, proprietario do armazem incendiado, entregou ao commandante de Villa Nova de Gaya a quantia de réis 135500 para ser dividida por dois bombeiros que haviam ficado feridos, sendo um d'elles pertencente á companhia do Porto e o outro á de Gaya.

Finda a cerimonia retiraram-se todos debaixo de fórma, passando ainda outra vez em frente do armazem em ruínas e dirigindo-se para a ponte pensil, aonde a companhia de Villa Nova se despediu da d'esta cidade.

De tarde houve um jantar offerecido aos seus amigos, ao qual, segundo nos informam, assistiram mais de cincoenta pessoas.

Bombeiros Americanos

São extremamente curiosas as seguintes linhas que transcrevemos do *Commercio de Lisboa*, com referencia aos bombeiros de Nova-York e mostram bem claramente o grau de aperfeiçoamento a que tem attingido o serviço dos incendios n'aquella republica modelo.

Quando se poderá dizer outro tanto de nós?

«Um dos chefes da repartição dos incendios, o sr. King acompanhava-nos.

—«Querem escother o posto que vamos surpreender?—disse elle ao maestro—Escolham.

Ficava perto a rua 48, e Offenbach designou-lh'a.

Pozemo-nos a caminho.

A' porta disse-nos o sr. King;

—Atenção! consultem os relógios. Estão promptos?

—Estamos.

Tocou uma pequena sineta e um homem veiu abrir.

Entrámos.

A machina, lá está soberba, luzidia; ao fundo tres cavallos estão equipados, nos estabulos; por cima vemos os bombeiros, dormindo.

Um *gong* pende da parede. E' elle que vae dar o alarme.

Atenção e encostemo-nos á parede por causa dos cavallos.

«Bum, bum, bum!

Atrellam-se os 3 cavallos, doze homens montam na bomba, o bombeiro cocheiro diz:

—Ready!

—Quanto tempo?—pergunta-nos o sr. King.

Havia seis segundos que resoara o *gong*.

Sem uma palavra, sem uma observação, os cavallos são reconduzidos aos estabulos e os homens voltam a deitar-se.

O inspector quiz ver se o serviço era bem feito.

Estava no seu direito.

Verificou: fizeram o seu dever.

Pois bem! Confesso que não tivera tempo de distinguir cousa alguma. Ouvira, é certo, como que o ribombar de um trovão: eram os homens; como que um estremeção espantoso abatar o solo: eram os cavallos. Vira um fogacho vermelho:—a machina queimava o seu carvão. Vira uma fórma negra pendurada das re-deas, era o cocheiro com o seu grito: *Ready*, «prompto!»

Mas repito, não tivera tempo de distinguir cousa alguma e comtudo, como dissera o cocheiro, estava tudo prompto... em seis segundos e meio.

Encarei Offenbach.

Estava assombrado.

Olhava ainda e já tudo entrara na sua ordem habitual.

Tinha os olhos espantados, como se estivesse sob a impressão de um rapido pesadello.

Estava attonito e eu devia parecer-me terrivelmente com elle.

Consegui dar-vos a ideia de uma rapidez tamanha, vertiginosa, telegraphica?

Mau grado meu, o nosso systema de bombas francezas veio-me ao espirito. Envergonhei-me.

—Que acham?—perguntou-nos o sr. King.

Offenbach recuperou o uso da falla.

—Tenho feito e tenho visto muitas magicas, mas nunca d'esta força!—disse elle.

O sr. King sorriu.

Estava satisfeito.

—Vou mostrar-lhes—disse-nos elle—cousa melhor. Venham comigo.

Seguimol-o, e chegados a uma das grandes praças de New-York, a Madisson square, fez-nos parar diante de um grande poste.

—Vou abrir esta caixa. O maestro carregará no botão.

Este botão communica com seis estações ou companhias eguaes á que acabamos de visitar: a mais proxima fica a kilometro e meio d'aqui, a mais afastada, a dois kilometros e meio. Consultem os relógios. Carregando-se o botão dá-se o alarma nas seis estações.

Estão promptos?

—Estamos.

—Carregue!

Era exactamente meia noite, e as ruas adjacentes estavam ainda cheias de carruagens. Subitamente, e em cada avenida, ouvem-se muitos sinos acompanhados de ruidos extraordinarios.

As carruagens enfileiram-se rapidamente e param; os peões ficam immoveis.

Ouve-se circular o grito: *fire! fire! fogo! fogo!*

Elas chegam, rojando, rugindo, assobiando, vomitando vapor.

São ellas. São elles.

Bombeiros e machinas ali estão.

—Where? Where?

—Aonde? Aonde?—perguntam os homens.

Os cavallos estão já desatrellados, e as mangueiras estendidas.

—Aonde? Aonde?

O mesmo signal suspende este ardor vertiginoso.

Cada qual volta á sua estação sem uma palavra de despeito, sem um indicio de má vontade.

—Que tempo?—pergunta o sr. King.

—Quatro minutos e meio!

Bertie-Marriot.

E' inacreditavel

Esse heroe, cujo nome já tem honrado por mais do que uma vez as columnas do nosso periodico, esse destemido e humanitario bombeiro, o cabo Simão de Villa Nova de Gaya, vê-se obrigado a pedir uma esmola!

Este benemerito cidadão que tantas vezes arriscou a sua vida para proteger a propriedade alheia, que arrostou com a morte para lhe roubar tantos infelizes, nunca recebeu recompensa alguma além de duas ou tres medalhas, apesar das suas precarias circumstancias e do minguado *pret* que recebia em troca dos valiosos serviços que prestava como bombeiro!

Era justo que a tão prestante cidadão, a quem trinta e seis pessoas devem a vida, os poderes publicos tivessem arbitrado uma pensão; mas a ingratição tem sido a paga dos relevantissimos serviços que este heroico bombeiro tem prestado á humanidade, ariscando a propria vida e a saude, como aconteceu ainda ha pouco, por occasião do incendio na rua do Sacramento, quando cahiu ao rio Douro, de cujo desastre resultou ficar este infeliz impossibilitado de trabalhar por algum tempo.

Para não morrer de fome e ao desemparo, vê-se o cabo Simão obrigado a recorrer á caridade das almas bemfazejas, que felizmente ainda existem e a requerer ou antes a implorar uma esmola da camara municipal de Villa Nova de Gaya cuja corporação de bombeiros elle tem engradecido com os seus actos de valor, com a sua abnegação e amor pelo proximo.

Infeliz, que te tens sacrificado pelos estranhos e não encontras agora quem se sacrifique por ti!

E sabem como a camara de Gaya attendeu a tão justo pedido? **Mandando-lhe abonar dois mil réis!**

Um tal procedimento por parte da camara revela a mais pronunciada ingratição, a mais completa carencia de philantropia e quaesquer commentarios que fizemos ficariam muito á quem da censura em que incorreu.

Limitamo-nos portanto a narrar o facto e o publico que o aprecie como julgar de justiça.

Chronica e analyse dos incendios no Porto, durante a primeira quinzena d'este mez

4 DE MARÇO—A's 9 horas da noite, em Villa Nova de Gaya, na tanoaria a vapor do sr. Antonio Ferreira Meneres, no logar de Gaya n.º 15.

O fogo teve principio na caldeira, sendo extinto pela bomba de uma das fabricas que estão ali situadas.

Compareceram as bombas de Villa Nova de Gaya e do Porto.

A respeito d'este incendio appareceu nas folhas

do dia seguinte um desmentido, dizendo que o rebatedo pelas torres fôra infundado, attribuindo-se a causa do alarma a um visinho, que tendo visto sahir algumas faulas pela chaminé da tanoaria, julgou haver incendio, quando era apenas lume proveniente do rescaldo da caldeira.

O sr. Meneres tambem publicou um comunicado, negando que tivesse havido incendio, porém já appareceu tambem no «Commercio do Porto» uma carta ou declaração de um visinho, dizendo que effectivamente houvera incendio.

Quem quizer que os intenda. O que é certo é que as torres chamaram os soccorros publicos e os prejudicados foram os bombeiros e além d'isso o sobresalto que causou ás pessoas que possuem armazens de vinhos em Villa Nova de Gaya, não foi pequeno, porque muitos vimos nós sahir do theatro precipitadamente apenas constou a noticia do incendio.

Bem sabemos que é difficillimo obstar-se a que haja rebates falsos; mas é preciso que se castiguem aquelles que sem verdadeiro conhecimento de causa alarmam uma cidade inteira, sem haver motivo para tal.

E' de crer que depois de regularmente organizada a companhia de incendios haja mais zelo e vigilancia n'este sentido. Pelo menos assim o esperamos.

Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto

A direcção da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto faz publico que, usando da facultade que lhe foi conceida em assembleia geral, resolveu que o corpo de bombeiros voluntarios do Porto continuasse a prestar os seus serviços á cidade, logo que o novo regulamento seja posto em vigor e o inspector, o exc.^{mo} sr. Eduardo Augusto Falcão tome posse do commando de cuja resolução já deu conhecimento á exc.^{ma} camara.

Para realisar os seus desejos confia na protecção do publico, imprensa e das auctoridades, assim como na philantropia e generosidade dos capitalistas e proprietarios, pedindo-lhe a subida honra de se inscreverem como socios protectores, mediante o pagamento mensal de 300 reis, como determina o estatuto.

Sendo o fim principal d'esta corporação acudir á humanidade afflicta, não só por occasião de incendio, como de inundações, terremotos, desabamentos etc., só o poderá faser com bons resultados se possuir machinas, apperellos e aprestes aperfeioados e proprios para esse genero de trabalhos e não tendo outra fonte de receita além da contribuição pecuniaria e do serviço voluntario de alguns mancebos convenientemente instruidos e habilitados, sollicita dos habitantes d'esta cidade altamente philantropica a sua coadjuvação para poder desempenhar-se de tão ardua tarefa.

O bom acolhimento que esta associação sempre encontrou nos Portuenses, anima-a a confiar mais uma vez na sua generosidade e protecção.

Porto e secretaria da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, 15 de março de 1879.

José Teixeira da Silva Braga Junior,
Presidente.

Joaquim José de Souza Magalhães,
Vice-presidente.

Theotônio Augusto de Lima,

1.º secretario.

Augusto Leite da Silva Guimarães,

2.º secretario.

A. M. Fleming,

Thesoureiro.

Joaquim Antonio de Moura Soeiro,

Fiscal.

Guilherme Gomes Fernandes,

Commandante.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 13 de março de 1879

(Do nosso correspondente)

A absoluta carencia de factos que pudessem interessar os estimaveis leitores do «Bombeiro Portuguez», impediu-me de fornecer-lhes noticias na quinzena passada.

A camara municipal d'esta cidade, votou no seu orçamento a quantia de 21:524,800 réis para as despesas da extincção de incendios. Dispendeu tambem, durante a primeira semana do mez corrente em ordenados aos bombeiros e praças graduadas, 284,545 réis.

Gastou com a extincção dos 10 incendios occorridos no mez de fevereiro a quantia de 550,530 réis.

Na loja do predio n.º 118 da rua da Cruz em Alcantara, manifestou-se incendio no dia 7, pelas 9 e meia da manhã, occasionado por duas creanças lançarem fogo a uma cama, ateadando-se de fórma que uma d'ellas pereceria se uma mulher por nome Emilia Candida, cheia de dedicação e coragem, não penetrasse no predio e a arrancasse a uma morte inevitavel. O fogo foi promptamente extinto, comparecendo o inspector Figueira, ajudante Josué e o bombeiro Theodoro José da Silva.

No dia 6 enterrou-se o primeiro patrão da bomba municipal n.º 4, de Bemfica, José Bellas, fallecido no hospital de S. José.

Acompanharam-n'o á ultima morada os bombeiros voluntarios do concelho, sendo conduzido o caixão pelos segundos patrões, ladeado pelos ajudantes do inspector e bombeiros voluntarios.

Aguardavam no cemiterio de Bemfica o prestito, os bombeiros municipaes que prestaram ao finado as honras funebres.

No dia do anniversario do fallecimento de Matheus Samuel da Silva, segundo patrão dos bombeiros voluntarios do Porto, fizeram resar uma missa pelo descanso da sua alma, os bombeiros municipaes. Assistiu quasi na totalidade a corporação.

Esta singela mas significativa homenagem ás cinzas do desventurado moço, foi participada telegraphicamente ao commandante dos voluntarios, o sr. Guilherme Fernandes.

Acha-se de volta a esta cidade, de uma viagem de recreio ao Porto, o sr. Darlaston C. Shore, commandante dos bombeiros voluntarios e cavalheiro apreziavel e merecedor das geraes sympathias que gosa.

Houve ha dias uma explosão em casa do fogueteiro o sr. Manoel Henriques, em Almoster. O tecto do pobre casebre foi pelos ares, indo as telhas parar a

distancia aproximada de 2 kilometros. Arderam 50 kilos de polvora.

Consta-nos que breve virá a esta cidade o inspector do Porto e dois sargentos da companhia municipal, mandados pela camara, para se instruirem no serviço de incendios.

No estado de deploravel retrocesso em que se acha a companhia dos bombeiros do Porto, supponho não ser desaire esse passo, que além de tudo mostra a boa vontade de que se acha revestida essa vereação para promover melhoramentos no principal ramo de reconhecida importancia que se acha a seu cargo.

Lucio.

Lamego

(Do nosso correspondente)

Poucas noticias poderei dar que interessem aos leitores do «Bombeiro Portuguez». No entanto, para satisfazer os meus deveres de chronista, eis o que chego ao meu conhecimento.

—No domingo 2 do corrente houve revista de pessoal e material da companhia de incendios do municipio, passada pelo fiscal o sr. Domingos da Silva Guimarães.

—Morreu o sr. dr. Manoel Togeiro Guimarães, mancebo muito intelligente. Causou a sua morte fundas saudades a todos os seus amigos e conhecidos. Se tivesse inimigos tambem elles a sentiriam. Era vicepresidente da assembleia geral da companhia dos bombeiros voluntarios e membro da commissão installadora, prestando a esta associação relevantes serviços. Por este motivo e por ter sido fiscal do pelouro dos incendios acompanharam o seu cadaver á ultima morada as duas companhias, municipaes e voluntarios. O seu enterro foi muito concorrido. Morreu na primavera da vida. Tinha 28 annos.

E nada mais por hoje.

V. M.

Almanach do Bombeiro Portuguez

Acha-se á venda na Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 8 e 10; rua do Bomjardim n.º 197 (pateo do Paraíso) e em todas as livrarias, nas tabacarias Nova Casa Havaneza, rua de Santo Antonio; Havaneza, praça de Carlos Alberto; Luso-Brazileira, praça da Batalha; Academica, rua de Santa Catharina, e em casa do sr. Guilherme Covian, rua de Santo Antonio, 188.

Preço..... 300 réis

Incendios na provincia

Durante a quinzena vieram ao nosso conhecimento os seguintes sinistros occorridos na provincia:

COIMBRA

No fim do mez passado um incendio destruiu completamente uma pequena casa em Santa Clara.

No mesmo bairro foi tambem devorado pelas chammias um armazem que pertencia a José Lopes Gui-

marões. Continha madeiras e pipas no valor aproximada de 600\$000 reis.

BRAGA

No dia 4 do corrente declarou-se incendio no deposito de carvão de Mattos & Primo, junto á estação do Caminho de Ferro. Sendo de prompto combatido no seu principio causou insignificantes prejuizos.

BARCELLOS

Na noite de 4 para 5 do corrente lançaram fogo por tres partes a uma leira de matto de Manoel José Ribeiro, da freguezia de Creixomil.

Alvorçado pelos sinos das parochias acudiu bastante povo que pôde obstar a que o fogo que já começava a invadir as leiras vizinhas fosse dominado a tempo. O auctor da gentileza ainda não é conhecido.

Folhetim

O redactor encarregado d'esta secção não ponde a tempo desempenhar-se da sua tarefa, e nós pedimos desculpa aos nossos bondosos assignantes por esta involuntaria falta.

Incendio d'um palacio

Foi completamente reduzido a cinzas o palacio de Tervuesen onde residia desde 1867 a desventurada viuva de Maximiliano, a ex-imperatriz do Mexico a quem a fatalidade privára da razão.

Nada se pôde salvar além de oito baixos relevos que representavam a vida de Achilles, do celebre esculptor Rude.

Orçara por 443:000\$000 réis a construcção do palacio de Tervuesen.

Varias noticias

Uma rapariga de onze annos, segundo noticias recebidas de Cahors, foi presa por ter queimado vivo um seu irmão de dois annos, «porque se aborrecia de tomar conta n'elle».

Dá esperanças.

**

A explosão de alguns cartuchos de dinamite que dois operarios seccavam em uma fornalha, em Magednuill, causou-lhes não só a morte, mas a de uma pobre mãe e seus tres filhos.

A casa foi pelos ares e a muitas centenas de pasos encontravam-se bocados de carne.

**

Tambem nas minas de Wakefield houve uma horrivel explosão na occasião em que sessenta homens haviam descido para dar principio aos trabalhos. Morreram todos aquelles que estavam no poço aonde teve lugar a explosão á excepção de um unico.

Entre as victimas contam-se 15 homens e 4 crianças.

**

A Eschola Polytechnica de Londres, situada na rua Regent foi reduzida a cinzas por um incendio, na semana passada.

**

Falleceu em Lisboa a mãe do sr. Guilherme Cos-soul, commandante dos bombeiros voluntarios d'aquella cidade.

Os nossos sentimentos pezames áquelle prestante cidadão.

**

A camara municipal de Guimarães concedeu a Eva da Silva, de S. Miguel das Caldas de Vizella, viuva do bombeiro voluntario que pereceu no incendio que ali teve lugar ultimamente e que lhe pedia um subsidio para um filho que deu á luz, a quantia de réis 6:400 por uma só vez.

Não é das mais generosas a camara municipal de Guimarães.

**

Fomos visitados pelo muito digno e estimavel segundo commandante dos bombeiros voluntarios de Lisboa, o sr. Darlston C. Shore, que esteve alguns dias n'esta cidade, em viagem de recreio, na companhia de seu primo o sr. Frederick Shore.

**

Os bombeiros municipaes de Lisboa mandaram celebrar uma missa por occasião do anniversario da morte do bombeiro voluntario d'esta cidade, Matheus Samuel da Silva, que era muito estimado por aquella corporação.

Além dos patrões e aspirantes, assistiram a este acto religioso os dous ajudantes do inspector.

Os voluntarios do Porto, seus camaradas, tambem mandaram rezar outra missa.

O NOVO REGULAMENTO

DOS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

(Continuado do numero 45)

CAPITULO XIX

DO CONSELHO

Art. 170.º O conselho de que trata o artigo 23.º é composto de nove membros, a saber: um 1.º patrão um 2.º dito, um aspirante e um voluntario escolhido pelo commandante, e de mais quatro socios activos á escolha do accusado, todos presididos pelo presidente da direcção ou quem as suas vezes fizer.

§ unico. No impedimento de qualquer dos outros membros aqui designados para a formação do conselho, serão substituidos por outros de escolha do presidente.

Art. 171.º Além do presidente, nenhum dos membros da direcção poderá ser nomeado para fazer parte do conselho.

Art. 172.º Para a convocação do conselho, deverá o commandante dirigir-se por meio de officio á direcção, designando qual o delicto ou falta commettida, assim como os nomes dos propostos para o dito conselho, nome das testemunhas da accusação, a fim de que sejam prevenidas do dia do julgamento e se avise o

acusado para que escolha os quatro membros de que tracta o art. antecedente.

Art. 173.º O commandante assiste ao julgamento, na qualidade de promotor ou para dar quaesquer explicações que o conselho julgue necessarias, mas não tem voto.

Art. 174.º Na sala do julgamento não serão admittidos outros espectadores além dos socios da associação.

Art. 175.º Aos espectadores é prohibida qualquer manifestação ou usar da palavra com referencia ao acto que presenciarem, podendo o presidente mandal-os retirar quando depois de os admoestar houver reincidencia e quando isso não lhe seja possivel, levantar a sessão e designará um outro dia para o julgamento ao qual só serão admittidos os interessados.

Art. 176.º O acusado poderá fazer-se acompanhar das suas testemunhas de defeza, cujos nomes entregará ao presidente ao abrir da sessão, assim como tambem poderá não comparecer e encarregar algum dos seus consocios activos de o representar ou de tractar da sua defeza vocalmente ou por escripto, como melhor entender.

Art. 177.º O acusado poderá recorrer para a direcção se em antes protestar pelo recurso, porque n'este caso os depoimentos das testemunhas serão escriptos, resolvendo a direcção como julgar de justiça, em sessão secreta.

Art. 178.º Lavrar-se-hão actas do julgamento, assim como da resolução da direcção que ficarão archivadas na secretaria da associação e das quaes será entregue uma copia ao commandante e outra ao acusado.

§ unico. Estas actas serão lavradas pelo secretario da direcção que assiste ao julgamento, mas que não tem voto.

Art. 179.º Se o voluntario acusado, passadas 48 horas, depois de prevenido, de que tem de ser julgado não responder ou se negar a escolher os quatro membros de que trata o artigo 170.º, serão estes designados pelo presidente da direcção e muito embora o deliquente não compareça e não nomeie testemunhas de defeza ou quem o represente, como indica o artigo 176, o conselho obrará como se estivessem presentes.

Art. 180.º Se o commandante ou quem as suas vezes fizer tiver de ser julgado pelo conselho compete ao seu immediato servir de promotor e escolher quatro dos membros do conselho como determina o artigo 170.º, e n'este caso é permitido ao auctor assistir ao julgamento para o accusar e dar os esclarecimentos que lhe forem pedidos.

CAPITULO XX

DAS RECOMPENSAS

Art. 181.º Aquelle bombeiro voluntario que praticar quaes actos de valor taes como salvar vidas nos incendios etc., ou prestar quaesquer serviços relevantissimos receberá como recompensa um diploma com a designação do serviço prestado, nomes das testemunhas presenças etc., e assignado pela direcção.

Art. 182.º Para que a direcção possa conferir o diploma do que tracta o art. antecedente deverá esta reunir-se para discutir e verificar se a recompensa é ou não bem cabida e merecida.

Art. 183.º A proposta para qualquer recompensa será feita pelo commandante com a designação do nome d'aquelle que a merecer, qual o acto ou actos praticados, local, dia e hora, e mais minuciosidades que tornem bem explicitas todas as circunstancias que se deram,

com a designação dos nomes das testemunhas presenças.

Art. 184.º Teem direito ao diploma a que acima se allude, todos aquelles que completarem 5 annos de bons serviços sem nota.

§ unico. Não é contado o tempo que estiverem de licença, ausentes ou doentes, quando as licenças excederem o prazo de 4 mezes durante cada anno, menos doença adquirida nos fogos.

Art. 185.º Todas as vezes que qualquer praticar algum acto digno de louvor ou desempenhar cabalmente a missão de que estiver encarregado será elogiado pelo commandante na primeira formatura ou na tabella de serviço affixada na casa da associação e notada essa circumstancia nos livros dos registos e quando esses actos forem de tal natureza que mereçam mais recompensa, poderá o commandante, com consentimento da direcção, propôr para que lhes seja conferidas as honras e regalias de qualquer gradação.

Art. 186.º No principio de cada anno o commandante formulará uma lista ou relação dos bombeiros voluntarios, a quem durante o anno antecedente não foi marcada falta alguma de comparencia, tanto aos incendios como aos exercicios, piquetes e demais serviços, para ser encaixilhada e collocada em uma das salas da associação.

CAPITULO XXI

DOS UNIFORMES

Art. 187.º O fardamento que é feito a expensas dos socios activos, constará de casaco á militar, de panno azul escuro, de seis botões de metal amarello, com dous machados em cruz e corôa real e igual numero nas petrinhas das abas; cada uma das mangas deverá ter um galão de seda a formar um canhão em bico com um transelem dourado ao meio do galão. A gola será coberta de panno escarlata, e o casaco avivado, ficando na parte superior um pequeno vivo do mesmo panno do casaco. A calça será de largura regular, mescla cinzenta escura. O bonet será de panno azul escuro, com um vivo muito estreito de panno escarlata e com botões de panno azul, cuja circumferencia tambem terá um vivo escarlata, muito estreito. A palla do bonet será um pouco maior que as pallas dos bonets dos officiaes de infantaria e de um lado da golla do casaco será collocada o n.º do bombeiro voluntario e do outro o n.º da secção a que pertence.

Art. 188.º o armamento ou material pertencente á associação em conformidade com os artigos 20.º e 21.º e seu § dos estatutos e quesão distribuidos, consta de um capacete de solla, guarnecido a metal amarello, com uma chapa na frente tambem de metal amarello com as insignias da associação e as iniciaes VB (bombeiro voluntario), conforme o padrão approved pela direcção e dois cordões de lã escarlata com borla, pagos pelo possuidor para servir nas occasões de revistas, exercicios e formaturas e o outro para os incendios; charlateiras á ingleza, de metal amarello de tres pernas formadas de escamas; um cinto de couro preto com fivella de metal amarello, machado e bolsa de couro, apito de metal igual ao adoptado pela marinha de guerra; gancho de carabina; bolsa para chapas, cordão azul; uma espia com gato e sapatilha, chaves de mangueiras.

§ 1.º O material ou armamento de que tracta este art. será distribuido pelo commandante a cada um dos bombeiros voluntarios conforme a secção a que pertencer, segundo os trabalhos de que estiverem encarregados ou as necessidades que a pratica demonstrar.

§ 2.º As iniciaes dos capacetes cordões e apito, que serão de metal branco são pagos ou mandados fazer a expensas do voluntario segundo o padrão adoptado.

§ 3.º E' permitido a qualquer voluntario comprar todo ou parte do armamento, e n'esse caso ficará sendo propriedade sua, mesmo quando deixar de fazer parte da corporação.

(Continua).

Publicações recebidas

Durante a quinzena que hoje finda fomos obsequiados com as seguintes:

«O Ecclesiasterium», jornal litterario lizo-brazilero, n.º 6 da 1.ª série. Corresponde ao mez de janeiro. Publica o retrato do snr. Manoel Joaquim Barradas, conego da Sé de Evora.

«Bibliographia Portugueza e Estrangeira». Publicação mensal; Ernesto Chardon editor. Foram-nos enviados os numeros já publicados e em que se lêem artigos de Camillo Castello Branco e J. M. da Cunha Seixas, e sentimos não poder reproduzir como desejavamos alguns d'esses artigos.

«A Emancipação», semanario democratico, publicado em Thomar.

«Novidades», folha diaria, redactor Jayme Victor, administrador Henrique Carlos Lima. Recebemos o numero programma que muito desejamos ver realiado, porque fará com que as «Novidades» occupe lugar distincto na imprensa diaria.

«O Contemporaneo». Recebemos os n.ºs 62 e 63 d'este excellente periodico, que já vae no quinto anno da sua publicação. Publica em magnificas photographias os retratos dos actores Augusto Xavier de Mello e Augusto José Pereira. Excellentemente redigido e não menos excellentemente illustrado é muito digno do favor publico.

«Jornal de Horticultura Practica». Recebemos o n.º 3, correspondente ao mez de março e ao volume X.

«Archivo Municipal de Lisboa». Recebemos os fasciculos que publicam as sessões de 4 e 10 de fevereiro.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 4 a 15 de março

Coimbra—do snr. Joaquim Martins de Carvalho.
Villa Nova de Gaya—do snr. João Vieira d'Andrade.

Porto—do snr. Ernesto Chardon.

Lamego—do snr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães.

ANNUNCIOS

Paulino José Henriques
do Amaral

DOURA E PRATEIA TODA A QUALIDADE
DE METAES

Rua dos Caldeiros, 67—2.º andar—Porto

Preços modicos

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA—NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

ORGÃO DAS COMPANHIAS DE INCENDIOS DO PAIZ

Preço da assignatura—remessa pelo correio

		(PAGAMENTO ADIANTADO)		ESTRANGEIRO	
		REINO		Anno	
Anno	1900 réis	1900 réis	1900 réis	28000 réis	
Semestre	500 réis	500 réis	500 réis	15000 réis	
Trimestre	250 réis	250 réis	250 réis	500 réis	

A assignatura é cobravel no Porto por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidades.

NUMERO AVULSO. 50 RÉIS
Depois da publicação do seguinte numero 200 RÉIS

Assigna-se na livreria Civilisação, Santo Ildefonso, 8 e 10 e na rua do Bom Jardim, 107 (ao Paraíso).
Escrptorio da administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.

IMPRESA CIVILISAÇÃO

DE

SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

N'esta typographia, recentemente montada, toma-se conta de toda e qualquer obra não só respeitante á mesma, mas tambem do lytographia.

ESPECTACULOS

Domingo 16 de março

THEATRO BAQUET—«Os ladrões do mar.»—A's 8 horas.

R. THEATRO DE S. JOÃO—A opera «Norma.»—A's 8 horas.

Segunda-feira 17 de março

THEATRO BAQUET—Beneficio da actriz Conceição.—«A falsa adultera.»—A's 8 horas.

IMPRESA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10